

APRESENTAÇÃO

Este é o número que inaugura a nova política editorial da revista *Working Papers em Linguística*, com edições temáticas a partir de 2015.1. O volume é constituído por onze trabalhos realizados na área de Sociolinguística, que foram escritos por professores e pós-graduandos de diversas instituições brasileiras. Os textos apresentam em comum o fato de analisarem amostras de fala de informantes da cidade de Florianópolis/SC, coletadas a partir da década de 1990, ou dados obtidos em testes de avaliação realizados com informantes florianopolitanos, todos com ascendência açoriana. Os quatro artigos iniciais contemplam a amostra de dados Floripa – que reúne entrevistas sociolinguísticas realizadas entre os anos de 2006 e 2012, em diversas comunidades da cidade de Florianópolis/SC, caracterizadas como mais urbanas (Centro/Trindade, Ingleses e Coqueiros) e menos urbanas (Ribeirão da Ilha, Costa da Lagoa, Santo Antônio de Lisboa/Ratones). Essa amostra agrega entrevistas do *corpus* Monguilhott (2006–2007) e outras tantas coletadas por alunos da disciplina de Sociolinguística e Dialectologia, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, em 2012. Os demais artigos exploram amostras do banco VARSUL¹ (década de 1990) – coletadas em comunidades mais urbanas de Florianópolis; do *corpus* Brescancini (1994–1995 e 2000–2001) – coletadas em zonas menos urbanas (Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa) e na região central da ilha; além de amostras de outras variedades brasileiras, para efeitos de comparação. Os trabalhos contemplam a variação em diferentes níveis linguísticos: fonológico, morfossintático, sintático-semântico e discursivo.

O primeiro artigo, intitulado *Caracterização sócio-histórica de seis comunidades de Florianópolis/SC: uma análise a partir da amostra Floripa*, foi escrito por Rosângela Pedralli e Sabatha Catoia Dias. As autoras discutem especificidades de ordem sócio-histórica de comunidades de cinco regiões florianopolitanas – central, norte, sul, leste e continental –, tendo por base artigos, levantamentos censitários e dados de 24 entrevistas sociolinguísticas realizadas nas respectivas regiões no primeiro semestre de 2012. O percurso analítico foi norteado pelo interesse em responder à seguinte questão de pesquisa: “Qual a caracterização sócio-histórica das comunidades nas quais foram realizadas as entrevistas com metodologia pautada na sociolinguística laboviana que constituem a amostra Floripa?” Os resultados sinalizam para traços comuns entre as comunidades caracterizadas como *mais urbanas* e entre as caracterizadas como *menos urbanas*.

O segundo texto, de Mariane Antero Alves, trata de *Variação na produção/apagamento da vibrante pós-vocálica no falar florianopolitano*. O estudo se ocupa do apagamento da vibrante pós-vocálica na fala de oito informantes da amostra Floripa, estratificados por idade, sexo, escolaridade e localidade (Coqueiros e Ribeirão da Ilha). Os dados foram submetidos à análise multivariada, que apresentou o seguinte resultado: (i) em relação a condicionadores linguísticos, o apagamento do segmento /r/ tende a ocorrer quando este está inserido em final de palavra, quando assume função morfêmica, quando está na sílaba tônica e aparece diante de vogais anteriores; (ii) quanto aos fatores

¹ www.varsul.org.br

extralinguísticos, o apagamento é favorecido na fala de informantes menos escolarizados, mais velhos, do sexo feminino e que moram em região menos urbana.

Os dois artigos seguintes tratam de concordância nominal e verbal, respectivamente. Flávia Santos Martins e Hilda Leonor C. de Oliveira assinam o artigo *Variação na concordância nominal de número na fala dos moradores da Costa da Lagoa e região central da cidade de Florianópolis/SC*. A análise estatística de dados da fala de 16 informantes indicou os seguintes resultados: (i) presença de marcas formais de plural na grande maioria das ocorrências; (ii) variáveis linguísticas favorecedoras de presença de marcas: classe gramatical, saliência fônica e posição no sintagma; (iii) variáveis extralinguísticas favorecedoras: escolaridade, idade e diazonalidade – informantes mais escolarizados, mais jovens e da zona urbana marcam mais a concordância nominal. Em relação à concordância verbal, Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott, em *A variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural em Florianópolis*, analisa dados extraídos de 16 entrevistas realizadas em comunidades florianopolitanas urbanas (Centro e Ingleses) e não urbanas (Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa). Os resultados gerais apontam que a não concordância é verificada, (i) na perspectiva linguística – em contextos de verbos menos salientes, com o último elemento antecedente com marcas de plural, com sujeito posposto marcado com traço [-humano]; (ii) na perspectiva social – na fala de informantes menos escolarizados, nativos da Costa da Lagoa, uma das localidades mais afastadas das regiões centrais da cidade.

Examinando amostras diferenciadas, Cláudia Regina Brescancini, autora de *A palatalização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais*, analisa a produção variável das fricativas palato-alveolares em posição de coda em três localidades do município de Florianópolis-SC – Barra da Lagoa, Ribeirão da Ilha e o Centro. Objetivando examinar o status da variante palato-alveolar na comunidade em termos de produtividade, prestígio e diferenças locais motivadas pelo histórico de ocupação da cidade, apenas as variáveis sociais localidade, gênero, faixa etária e escolaridade foram analisadas a partir de uma amostra de 100 (cem) informantes. Os resultados indicam que (i) a variante palato-alveolar é predominante e estável; (ii) as mulheres e os indivíduos mais escolarizados tendem a produzi-la mais recorrentemente. A autora discute ainda o papel da ocupação profissional dos informantes na produção palato-alveolar em coda e da influência exercida pela presença crescente de turistas e novos moradores nas comunidades.

O sexto artigo é assinado por Carine Haupt: *Uso variado de [aɪ̯] e [a] na fala florianopolitana – uma análise a partir da fonologia de uso*. Trata-se de um estudo sobre a monotongação do ditongo [aɪ̯] em sílabas abertas e fechadas na fala dos florianopolitanos a partir de entrevistas do banco de dados VARSUL. Entre os principais resultados da análise, baseada na Fonologia de Uso e na Teoria de Exemplares, destacam-se: (i) em sílabas abertas, a monotongação é quase categórica; (ii) em sílabas fechadas, a palatalização da fricativa final é determinante para o apagamento da semivogal; (iii) através de análise acústica, foi possível perceber a gradiência da monotongação, que já se inicia nos segmentos ainda percebidos como ditongos; (iv) a semivogal deixa vestígios de sua presença: na duração do segmento resultante da monotongação e na trajetória dos formantes.

Mapeamento do uso variável do modo subjuntivo no Português do Brasil é o sétimo artigo, de autoria de Tatiana Schwochow Pimpão. O texto apresenta, comparativamente,

resultados gerais de frequência obtidos em dezoito pesquisas com amostras de quatro regiões brasileiras: Sul, Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Esse mapeamento apresenta um panorama do funcionamento variável do presente do subjuntivo/indicativo no país, colocando em destaque a influência dos grupos de fatores modalidade e tipo de oração em padrões de uso nesses contextos. Na esteira do modo, Bruno Cardoso, em *O imperativo gramatical brasileiro em Santa Catarina: uma análise laboviana dos fatores internos*, analisa o uso das formas imperativas em contexto pronominal de segunda pessoa (*sai/ saia*) em dados de fala de Florianópolis e de Lages, oriundos do banco de dados VARSUL. Os resultados mostraram que o imperativo é expresso, na grande maioria das ocorrências, por formas verbais indicativas. O uso da variante indicativa *versus* a subjuntiva é condicionado pelos seguintes fatores linguísticos: polaridade afirmativa, formas monossilábicas, item lexical – com a forma indicativa predominando largamente em marcadores discursivos e a forma subjuntiva se manifestando variavelmente em verbos plenos, sendo mais frequente em Lages.

Na sequência, o artigo de Raquel Meister Ko. Freitag e Cláudia Andrea Rost Snichelotto, *Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia?*, traça uma comparação entre resultados de dois fenômenos variáveis no português, que foram estudados na amostra do Varsul de Florianópolis – a expressão da primeira pessoa do plural e a do passado imperfectivo –, com outras variedades. As evidências, segundo as autoras, podem sinalizar para três explicações: (1) reiterar que o rumo da investigação deve ser em direção ao que é igual, não ao diferente, dado que há muito mais estabilidade do que instabilidade no sistema do português brasileiro; (2) corroborar a crença de que no Brasil todos falam português, mas existe julgamento de pertença ou de diferença, que é indiciado pela distribuição de frequências; e (3) mostrar que as escolhas metodológicas da constituição das amostras orais devem ser pautadas em critérios visando à confiabilidade e à intersubjetividade das análises (BAILEY; TILLERY, 2004), de modo a possibilitar a generalização de resultados.

Os dois últimos artigos envolvem testes de avaliação. Christiane Maria Nunes de Souza e Raquel Gomes Chaves, em *A avaliação da concordância verbal com o pronome tu em Florianópolis*, buscam indícios de como o pronome *tu* (*tu/Ø falas ~ tu/Ø fala, tu/Ø falaste ~ tu/Ø falasse ~ tu/Ø falou*) é avaliado na cidade de Florianópolis. Foram aplicados testes de avaliação a 22 alunos do curso de Economia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), cujos resultados evidenciaram uma correlação entre a diminuição das taxas percentuais de concordância verificada em Florianópolis e uma avaliação positiva/neutra da não marcação da concordância. Já Patrícia Graciela da Rocha, em *Qual forma você costuma usar para se dirigir a um amigo? a escolha de tratamento nas relações simétricas em Florianópolis/SC*, examina respostas de testes de percepção e de produção aplicados a informantes florianopolitanos. Corroborando resultados de outras pesquisas, a autora mostra que, nas relações de simetria, os informantes garantem usar majoritariamente o *tu*, seguido por um baixo percentual de *você* e também por um baixo percentual de uso alternado das duas formas (*tu* e *você*).

Acreditamos que a diversidade de estudos de fenômenos de diferentes níveis linguísticos captados na fala florianopolitana, apresentados neste volume, contribui de forma significativa para traçar um perfil sociolinguístico do falar ilhéu. Esperamos que este número temático fomente discussões e propicie novas pesquisas na área da sociolinguística variacionista. Gostaríamos de agradecer aos autores que enviaram seus trabalhos, aos pareceristas *ad hoc*, pelas significativas sugestões, e ao programa de Pós-Graduação em Linguística, por oportunizar esta publicação.

*Edair Maria Görski
Isabel de Oliveira e Silva Monguilhott
Izete Lehmkuhl Coelho
Felício Wessling Margotti
Organizadores*